

RESILIÊNCIA HUMANA NA PADEMIA: PATÓGENOS MORTAIS E OS INSTINTOS BÁSICOS DE SOBREVIVÊNCIA

Paulo Santos de Jesus¹

INTRODUÇÃO

As doenças sempre foram fator de preocupação para a humanidade, no contexto dos sistemas biológicos, o homem é uma peça das muitas peças do intrigado conglomerado orgânico da vida. A multiplicidade dos seres vivos é extensa e a luta pela sobrevivência representa o cotidiano para a existência de milhões de organismos, desde os unicelulares até os de cadeias carbônicas complexas, de forma indistinta todos lutam para estabelecer a própria existência.

Em seu livro "Ensaio sobre a cegueira", Saramago (2020) estabelece através de uma ficção um convite futurista para a compreensão de problema vivenciado pelo homem ao longo do tempo, a eclosão de pandemias e surgimento de instintos mais básicos do ser humano quando a fragilidade do corpo é colocada à prova diante de microrganismos fatais. Posteriormente adaptado para o cinema, a obra do escritor português ganhou forte progressão internacional, superior à mídia em papel. O filme traça, como outras obras do mesmo gênero, como O Enigma de Andrômeda (2008); A gripe (2013); Os Doze Macacos (1995) e Eu sou a lenda (2007), as dificuldades enfrentadas pela humanidade diante de adversários invisíveis e mortais, capazes de comprometer o modo de vida da civilização.

A doença inicia seu ciclo despertada de seus nichos geográficos a partir do contato fortuito ou não entre espécies, propagando-se de forma inesperada e silenciosa em seus primeiros estágios, contaminando indivíduos de forma sorrateira em meio ao completo desconhecimento.

Em seu primeiro estágio, a enfermidade caminha lastreada no desconhecimento e descrença, razão pela qual chega a ser ignorada e subestimada. Relatos primeiríços sobre a possibilidade de uma nova moléstia capaz de comprometer o estilo de vida, notadamente a liberdade das pessoas, é rapidamente afastada. Tal fato é destacado nas obras fílmicas sobre a temática de pandemia assim como na realidade vivida na incursão da síndrome respiratória do Oriente Médio (MERS-Cov) em 2002

e síndrome respiratória aguda grave (SARS-Cov) em 2012, sinalizadores de que estávamos diante de possível afecção em escala planetária.

Somente com a espantosa multiplicação dos casos e indiscutível relatos e eventos envolvendo o novo mal é que o Estado inicia, atônito, as medidas iniciais de contenção, temendo a desestabilização dos meios de produção, complicações na esfera política, social e principalmente econômica, o tendão de Aquiles na estrutura das nações.

Acoados diante da nova condição, os contaminados vivem uma viagem insólita à exclusão, pois sofrem, além dos sintomas, a incerteza da cura e a possibilidade da morte. Na obra *Ensaio* (2008) aqueles que eram acometidos pela doença foram enjaulados à margem da sociedade, com supressão de direitos, obrigados a cumprir afastamento social com mínimo auxílio do poder público. Em nossa contemporaneidade, percebe-se despreparo do Estado na condução de políticas que consigam frear adequadamente o avanço da doença, decisões equivocadas e foco em aspectos meramente econômicos, como o mantimento de manifestações com intensa ajuntamento de pessoas (carnaval no Brasil, festas na Itália e China, dentre outras) em detrimento da saúde coletiva, configuraram-se como vetores mundiais de espalhamento do COVID-19.

O impacto da enfermidade sobre a população mundial é aterrorizante. Infecção aos milhões, elevado número de mortes, prejuízos materiais e sociais, estagnação da economia, princípio de tumultos, protestos violentos e instauração de desgoverno. A forma rotineira de estruturar a ação humana está comprometida, ao menos adiada frente à grave situação sanitária internacional.

De forma generalizada, em meio ao isolamento e medo que a morbidade impõe, sentimentos básicos da espécie humana começam a florescer, ressaltando as instabilidades psicológicas como alterações do sono, impaciência e falta de humor. A quebra do padrão de liberdade interfere negativamente, trazendo uma série de prejuízos no campo mental.

A interação entre as pessoas frente a uma perigosa enfermidade e as condições de confinamento podem resultar na instauração de conflitos emergentes, relações sociais marcadas pelo atrito e desumanidade entre as pessoas. Desaguando na formação de pequenos poderes, controle, submissão e utilização da violência física e verbal como meio de coação.

Entretanto, assim como foi verificado nas diversas películas envolvendo a questão das grandes doenças que assolaram a humanidade, percebe-se que aquele mesmo corpo que foi vítima de seres invisíveis é capaz de produzir defesas naturais e superar o hóspede inusitado, estabelecendo a capacidade de criar anticorpos para combater a doença. Em todas as moléstias que assolaram a humanidade haviam grupos imunes ou que apresentaram sintomas leves.

Aos poucos, a sociedade percebe a importância das coisas simples, negligenciadas no invólucro do consumismo e individualismo patente do nosso tempo. Afeições, apertos de mão, abraços, sorrisos, a luz do sol no rosto, eventos comuns fazem falta em meio ao estado de completa desordem generalizada trazida por uma enfermidade geral (SARAMAGO, 2020).

Em síntese, a humanidade passou por vários momentos pandêmicos, sendo afetada negativamente em várias esferas, encontrando soluções científicas para enfrentar diversos tipos de doença. No âmbito dos avanços tecnológicos do século XXI, resta saber se teremos a capacidade de promover a empatia e o sentimento coletivo acima das ideologias superadas, tradições antiquadas e comportamentos negativos que afastam o homem de si mesmo.

A presente pesquisa está separada em seções, tendo como estratégia o paralelo entre obras fílmicas que versam sobre pandemia, contágio através de patógenos e redução populacional, tendo o objetivo principal de investigar a influência de doenças globais sobre os aspectos sociológicos da coletividade, assim como discutir a incidência das enfermidades no tempo, descrever prejuízos sobre a saúde psíquica e identificar o potencial de recuperação do homem frente a um novo intruso biológico.

O trabalho em foco ganha relevância diante de um momento de incertezas e desconhecimento da condição histórica da existência do homem no enfrentamento de doenças desconhecidas. Não se trata de uma novidade, assim como em outras situações, houve resiliência, estudos e busca por estratégias para vencer moléstias, ademais, na presente época, o mundo sofre com endemias e focos espalhados pelo planeta que ainda não foram extintas. Conscientizar-se das possibilidades de controle e questões da influência psicológica é atitude auxiliar para contornar o momento de crise.

1 O HOMEM E AS GRANDES ENFERMIDADES QUE ASSOLARAM O PLANETA

A história da humanidade sempre esteve marcada pela ocorrência de muitas doenças. Seres invisíveis ao olho humano que sugerem existência mais antiga que o homem vaga pela terra há muito tempo, sempre buscando um hospedeiro para se apropriar. Através de diversas morbidades, diversos povos sofreram bruscas transformações, chegando, inclusive, ao seu extermínio. Incas, maias e astecas foram dizimados com o auxílio de doenças trazidas por colonialistas espanhóis, tribos brasileiras chegaram à extinção pela gripe trazida pelos portugueses quando aqui chegaram.

O Orthopoxvírus variolae, vírus da varíola, existe desde a antiguidade e foi responsável por surtos significativos através dos anos. De fácil disseminação, foi erradicada oficialmente em 1980. Causador de um sem número de mortes, possui sintomas semelhantes ao da gripe, associadas à dor no abdome e erupções na pele. A peste bubônica, causada pela bactéria *Yersinia pestis* responde por vinte milhões de mortes no século XIV, assolou a Europa de então, demonstrando a fragilidade humana para a atuação contra patógenos desconhecidos. Existe vacina para a varíola, que ainda mata em locais com significativo nível de pobreza. Apesar de não mais assustar o mundo, a vacina definitiva contra a peste negra, que retira a vida de cerca de 2500 pessoas por ano, está em fase final de testes (HOCHMAN, 2011).

Outra enfermidade que trouxe dor e mortandade foi a cólera, transmitida pela bactéria *Vibrio cholera*. Por volta de 1816, grave endemia foi disseminada a partir da Índia para Europa e partes da Ásia. A doença, como aponta Silva Júnior (2013), é típica de países pobres, pois se estabelece em função da falta de condições saudáveis de saneamento básico, causa desidratação severa a aparência cianótica

devido a falta de água e fluídos corporais importantes. No total, após o século XX chegou a matar mais de 300 milhões de pessoas.

Em 1919, o mundo conheceu a gripe espanhola, Martino (2017), sinaliza que a moléstia é causada pelo vírus influenza, infectou mais de 500 milhões de indivíduos (25% da população mundial), assombrando o planeta, deixando um rastro de destruição por onde passou. De fácil transmissão, tinha a capacidade de criar citocinas no organismo, afetando o sistema imunológico, tendo como sintomas febre, calafrio e tosse. Souza (2008) informa que em Salvador, nos meados de 1890 já haviam registros desta doença e representou grande desafio para sua erradicação pelos sistemas de saúde, seu enfrentamento foi difícil e seus prejuízos humanos e materiais foram significativos para a época.

Ainda se pode registrar, como aponta Aulicino (2020), que doenças como a tuberculose (existente há mais de 7000 anos); tifo, causada por bactérias do gênero *Rickettsia*; febre amarela (Flavivírus); malária (endêmica ainda em muitos países) e sarampo (*Morbillivirus*) ainda assolam parte geográficas específicas ao redor do globo, causando grande espanto e mortandade. Principalmente em países nos quais investimentos sanitários são escassos, a proliferação de vírus e bactérias impacta principalmente os mais frágeis, ampliando os níveis de mortalidade infantil.

Mais recentemente a gripe suína (H1N1), uma cepa do vírus influenza, castigou a Europa e países vizinhos fazendo 16 mil mortos. A enfermidade, como destacam Corrêa e Roso (2012), pode evoluir para uma crise respiratória intensa, comprometendo o funcionamento de diversos órgãos, a taxa de mortalidade é acentuada, principalmente por conta da necessidade de recursos médicos complexos, internação e acompanhamento constantes, as mesmas autoras pontuam que populações vulneráveis sofrem em maior nível também pelo desconhecimento sobre a enfermidade, atualmente existe uma vacina que previne os efeitos da doença.

A síndrome de deficiência imunológica adquirida, AIDS, foi diagnosticada em pacientes na década de 1980, invade o sistema de defesa humano, abrindo as portas para outras doenças. Conforme indicam Timerman e Magalhães (2015), ainda não tem cura, matou cerca de 770 mil pessoas, infectando cerca de 75 milhões. Apesar de não existir vacina a ciência avançou no sentido de criar fármacos para prolongar a vida do paciente e estratégias de menor exposição a novas doenças.

No final de 2019 o mundo se viu diante de nova ameaça que atacava o sistema respiratório, comprometendo os pulmões e impedindo a respiração natural, o novo corona vírus. Lima (2020) explica que o patógeno é altamente contagioso, pode ser adquirido através de toque de superfícies contaminadas ou aerossóis de pessoas doentes. Em sua marcha, está comprometendo economias, alterando a liberdade de locomoção das pessoas e promovendo prejuízos à saúde mental e física de milhões ao redor do globo.

Em síntese, percebe-se que a presença de doenças que desencadearam prejuízos de diversas ordens através do tempo não se apresenta como fato único. A humanidade sempre conviveu com situações pandêmicas. Devido à facilidade de locomoção e transporte na atualidade, o ser humano é o maior vetor das enfermidades, facilitando sua rapidamente sua irradiação, entretanto, o aparato científico e as metodologias de afastamento são recursos capazes de suplantar o contágio e controlar a contaminação.

2 PREJUÍZOS DA PANDEMIA

A similaridade verificada entre a cegueira em Ensaio (2008) e a realidade trazida pela COVID-19 intuem a sensação de impotência que a humanidade pode ser levada, demonstrando vulnerabilidade da sociedade apesar dos grandes avanços tecnológicos e descobertas. Alguns elementos associados à instauração da pandemia merecem destaque, como a indistinção em seu contágio, prejuízos de ordem material e psicológico e o enrijecimento das diferenças sociais.

Em um plano, a facilidade de contágio da doença acomete a qualquer pessoa, não estabelece condição econômica nem tampouco status de qualquer natureza. O nível social não cria estados de diferenciação, ricos e pobres são acometidos pela doença, apesar de que, proporcionalmente, pessoas mais vulneráveis estejam no rol das estatísticas como os mais afetados.

Traçando uma analogia com o enredo de Saramago (2020) a doença não escolheu seus alvos, pontuou em "nivelar" a todos através de sua característica em comum, transformando o abrigo de doentes num "caldo" de pessoas pronto a entrar em combustão. Sinalizando que o confinamento causa sentimentos negativos (repulsa, indignação, exclusão, etc.).

Sob outro prisma, a forma como a Administração pública em *Ensaio* (2008) encarou o problema, primeiro negando, depois atuando em desespero para evitar catástrofe maior e a falta de compromisso com as pessoas infectadas, relegando-os à completa exclusão, aproxima-se ao descaso ofertado por algumas autoridades locais no sentido de não atuar em conjunto, criando métodos capazes de superar a pandemia.

Nota-se também, tanto no filme em apreço quanto na realidade o espalhamento de polarizações, a criação de grupos autodenominados com simbologia que enaltece a violência, a imposição de regras fora das normas estabelecidas, a incitação ao domínio, controle e submissão das pessoas mais frágeis. A presença de uma condição social que visualize a tomada do poder pelas armas e a supressão de garantias.

Ao que tange a saúde mental, Schmidt et al (2020) clarificam o entendimento de que, frente a uma ameaça sanitária de proporções internacionais, com a possibilidade de contágio por um agente potencialmente fatal, traz consigo o medo e implicações de caráter psicológico prejudiciais para a população. A incerteza da cura, a falta de informações definitivas sobre o novo vírus ao que tange tratamentos ou uso de remédios, causa sensível mal-estar.

Estresse, confusão, raiva e distúrbios do sono são algumas situações verificadas, agravando a saúde. O aparecimento da depressão e conflitos devido ao confinamento, somados às incertezas quanto ao futuro e o grande receio da morte aumenta a sensação de estresse, traumas e confusões mentais são sensações que acometem muitos indivíduos.

Fator importante na observação da condição psíquica é a instauração de comportamentos discriminatórios e estigmas sociais. Shimizu (2020) sinaliza que, por conta dos prejuízos materiais, falta de emprego, redução de alimentos e privação de liberdade muitas pessoas (de forma equivocada) culpam os orientais como causadores da pandemia, visto que os primeiros casos se iniciaram na China, associando a estes como causadores da situação em que vivemos.

Além disso, o uso de notícias falsas, disseminadas nos meios digitais podem causar danos irreparáveis em vários contextos, inflamando mensagens de ódio e conspirações contra grupos étnicos. Werneck e Carvalho (2020) esclarecem, por exemplo, que não estamos diante de uma guerra biológica que possa trazer vantagem comercial a algum governo, como ventilaram algumas fontes, pois estudos ao redor do planeta negam tal acusação, mas de eventos que já ocorreram no seio da humanidade em outros tempos. Formas ilícitas na tentativa de manipular a sociedade para interesses individuais criam polos de disputa na seara política, causando falta de harmonia, desestabilizando poderes instituídos.

3 RECUPERAÇÃO HUMANA DIANTE DE GRAVE MORBIDADE

O homem é um ser com algumas ferramentas capazes de diferenciá-lo dos demais seres vivos, em especial a forma da mão preênsil, a linguagem e a capacidade de desenvolver anticorpos para combater invasores. Nesse particular, Richtel (2019) destaca que a produção de defesas biológicas frente aos patógenos é uma possibilidade que se dá de forma automática, induzida através de vacinas ou ingestão de remédios. O corpo humano é uma máquina poderosa, através de mecanismos bioquímicos de alta complexidade é capaz de encontrar invasores indesejados no organismo e produzir defesas para eliminá-los.

O antígeno é uma molécula estranha capaz de induzir a produção de defesas orgânicas contra patógenos. Quando o invasor tenta se difundir no corpo humano é recepcionado por um conjunto de proteínas específicas (anticorpos) que se ligam a este para destruí-lo ou cessar sua ação. Abbas, Lichtman e Pillai (2019) explicam que as barreiras são estabelecidas por meio da codificação de "chaves" que se encaixam nas moléculas agressoras, frenando sua atividade. A informação é registrada no organismo, criando imunidade contra novas investidas de vírus, bactérias, fungos e protozoários.

Nas ilustrações de Saramago (2020) a possibilidade da morte iminente leva o ser humano a cometer atos perversos, submetendo o outro a obrigações violentas para estabelecer poder. Egoísmo, falta de empatia e abusos dão a tônica quando o objetivo está além da sobrevivência em conjunto, mas, sobretudo, utilizar-se da vida alheia para

cumprir desejos próprios. Em meio aos vitimados, entretanto, ocorre a resiliência e a esperança de continuar vivo, lutando contra o novo sistema instaurado e também contra a enfermidade.

Cabe lembrar que a humanidade costuma esquecer que outras doenças já assolaram a humanidade, Câmara (2020) destaca que os surtos epidêmicos não constituem novidades, apesar de que outras gerações estiveram diante delas. Não raro, o pânico, confusão, antídotos milagrosos, informações duvidosas ou falsas e perplexidade estiveram no entorno de grandes flagelos pandêmicos do passado. Ressalta-se que boa parte da população apresenta sinais brandos ou se mostram imunes a alguma enfermidade.

Em todas as situações de pandemia houve grande mortandade, aflição e danos irrecuperáveis. Mas houve grande resistência por parte do homem, que, mesmo com dificuldades em manter um planejamento adequado, foi capaz de sobreviver e superar, mantendo-se próspero na Terra, sobrelevando-se em condições extremas.

O recomeço dos sobreviventes é um alento em alguns lugares, a esperança de que o estilo de vida que estamos acostumados ainda pode ser reestabelecido traz esperanças, motivando pessoas ao cultivo dos laços de afetividade. A falta de sensações simples, como um banho, a percepção da luz solar ou da chuva caindo sobre o corpo traz a sensação de que elas são importantes no meio das privações (ENSAIOS, 2008). Possibilidades de uma vacina e o fim da quarentena caem como unguento sobre uma ferida da qual temos a certeza da cura.

Em diversas obras fílmicas que tratam de assuntos sobre pandemia e impactos do adoecimento de grande parte da população, a exemplo de A gripe (2008) e O Enigma (2008) somos influenciados negativamente pelo medo de maneira imediata, consagrando a certeza da falibilidade da espécie humana, mas a resiliência, contrapondo-se ao desconhecido, impede o completo desfalecimento e estabelece a racionalidade acima de sensações primevas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos insumos aqui explanados, verificou-se que as doenças globais acompanharam a existência humana desde tempos remotos, atuando de forma grave sobre a saúde, causando mortandade e danos de várias naturezas. A perplexidade diante de novas moléstias trazem consigo medo e insegurança, as quais são catalisadas por sentimentos individuais sobre os coletivos. Desta maneira, submissão do outro, violência, polarizações e indiferenças são comportamentos que afloram em situações de sobrevivência, instintos humanos básicos no cenário de competição.

Com a imposição de confinamento experimentado em período de quarentena, verificou-se que prejuízos psicológicos graves podem surgir, como distúrbios de comportamento, falta de sono e estresse, dentre outros. Não raro, discriminações contra grupos específicos podem surgir, encampando busca por possíveis culpados.

As medidas e o tratamento que envolvem esforços globais contra o COVID-19 foram capazes de evitar muitos óbitos. Estatisticamente, até meados do primeiro semestre de 2020 havia cerca de 0,005% de pessoas infectadas no mundo, em números ainda ínfimo em relação à população global. Porém, diante das condições sanitárias atuais e os recursos tecnológicos disponíveis, o número de pessoas infectadas e mortos estão além do aceitável. Por outro lado, os prejuízos nas esferas econômica, política, social são praticamente intangíveis de calcular.

Visíveis correspondências são verificadas nas obras fílmicas e a realidade vivenciada pela sociedade. Particularmente tratando do conteúdo explorado nos Ensaios (2008) há similitude ao que tange o afloramento de comportamentos primitivos do homem diante do desconhecido. Sentimentos mesquinhos, egoístas e o desespero geral contaminam a sociedade, trazendo num primeiro momento situação de desequilíbrio e desconstrução social.

Cumprido destacar que os filmes verificados, apesar de se situarem no campo da ficção retratam eventos reais, sendo experimentados pelas populações com a pandemia do COVID-19, principalmente a redução da liberdade de locomoção e os prejuízos de ordem econômica. O reflexo de tal situação é verificado por meio de alterações emocionais, incertezas quanto o futuro e redução da qualidade de vida em curto e médio prazo.

Mas somos resilientes, com capacidade de reorganização e principalmente de adaptação às novas condições. A crença de vacina eficaz, o desenvolvimento de mecanismos diversos e tecnológicos para combater o novo patógeno promovem o fio de esperança necessário para seguirmos em frente. A história do homem sobre a terra demonstra que diversas doenças atacaram a humanidade ao longo do tempo. Métodos e estratégias foram desenvolvidos à medida que foram surgindo, mas em todas as situações o homem superou dificuldades e encontrou soluções viáveis para o enfrentamento.

REFERÊNCIAS

ABBAS, Abul; LICHTMAN, Andrew, PILLAI, Shiv. **Imunologia Celular e Molecular**. 9. ed. Rio de Janeiro, Elsevier, 2019.

A GRIPE (Flu). Direção: Kim Sung-soo. Coréia do Sul: CJ Entertainment, 2008, 1 DVD, 121 min.

AULICINO, Luciano. **Pandemia: O mundo em quarentena**. Rio de Janeiro: Bibliomundi Serviços Digitais, 2020.

CÂMARA, Fernando Portela. **A pandemia esquecida. A cólera no Brasil. Psychiatry on line Brasil**. Junho de 2020 - Vol. 25 - Nº 6. Disponível em: <https://www.polbr.med.br/2020/05/01/a-pandemia-esquecida-a-colera-no-brasil/>. Acesso em: 1 mai 2020.

CORRÊA, Guilherme; ROSO, Adriane. Fractal, **Rev. Psicol.**, v. 24 – nº. 2, p. 227-252, Maio/Ago. 2012.

ENSAIOS sobre a cegueira (*Blindness*). Direção: Fernando Meirelles. Rio de Janeiro: Miramax Films, 2008. 1 DVD (120 min.).

EU SOU a lenda (*I Am Legend*). Direção: Francis Lawrence. Estados Unidos, Warner Bros. Pictures, 2008. cor 121 min.

HOCHMAN, Gilberto. **Vacinação, varíola e uma cultura da imunização no Brasil. Ciênc. saúde coletiva** vol.16 nº. 2 Rio de Janeiro Feb. 2011.

LIMA, Claudio Márcio Amaral de Oliveira. Informações sobre o novo coronavírus (COVID-19). **Radiol Bras** vol.53 nº.2 São Paulo Mar./Apr. 2020 Epub Apr 17, 2020.

MARTINO, João Paulo. **1918 - A Gripe Espanhola: Os Dias Malditos**. São Paulo: Excalibur, 2017.

O ENIGMA de Andrômeda(*The Andromeda Strain*). Direção: Mikael Solomon. Universal Pictures, 2008. 1 DVD (131 min.).

OS DOZE macacos (Twelve Monkeys). Direção: Terry Gilliam. Distribuidor: Universal Pictures, 1995. 1 DVD (130 min.).

RICHTEL, Matt. **Imune: A extraordinária história de como o organismo se defende das doenças**. 1. ed. Trad. Bruno Fiuza. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2019.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SCHMIDT, Beatriz. et al. Saúde mental e intervenções psicológicas diante da pandemia do novo coronavírus (COVID-19). **Estud. psicol.** (Campinas) vol.37 Campinas, 2020. Epub, May 18, 2020.

SHIMIZU, Kazuki. 2019-nCoV, fake news, and racism. **The Lancet**, 395(10225), 685-686. Disponível em <https://www.thelancet.com/action/showPdf?pii=S0140-6736%2820%2930357-3>. Acesso em: 1 jun 2020.

SILVA JÚNIOR, Jarbas Barbosa da. 40 anos do Programa Nacional de Imunizações: uma conquista da Saúde Pública brasileira. **Epidemiol. Serv. Saúde** v.22 n.1 Brasília mar. 2013.

SOUZA, Christiane Maria Cruz de. A epidemia de gripe espanhola: um desafio à medicina baiana. **Hist. cienc. saude-Manguinhos** vol.15 n.º.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2008.

TIMERMAN, Artur, MAGALHÃES, Naiara. **Histórias da AIDS**. São Paulo: Autêntica Editora, 2015.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. **Cad. Saúde Pública**. 36 (5) 8, Maio 2020.